

COMENTÁRIO BÍBLICO

3º Domingo da Quaresma – Ano B

07mar2021

Êxodo 20,1-17; Salmo 19,8-15; 1 Coríntios 1,22-25

S. João 2,13-22

¹³Como se aproximava a festa da Páscoa dos judeus, Jesus foi a Jerusalém. ¹⁴No templo encontrou homens a vender bois, ovelhas, pombas, e os cambistas sentados às suas bancas. ¹⁵Ao ver isto, Jesus fez um chicote com umas cordas e expulsou do templo toda aquela gente com as ovelhas e os bois. Deitou por terra o dinheiro dos cambistas e virou-lhes as mesas. ¹⁶Depois disse aos que vendiam pombas: «Tirem tudo isto daqui! Não façam da casa de meu Pai uma casa de negócio!» ¹⁷Os seus discípulos lembraram-se das palavras da Sagrada Escritura: O zelo pela tua casa me consumirá.

¹⁸Então os chefes dos judeus perguntaram-lhe: «Que sinal nos mostras para poderes fazer isto?» ¹⁹Jesus respondeu: «Destruam este santuário e eu em três dias o hei-de levantar.» ²⁰E retorquiram-lhe: «Foram precisos quarenta e seis anos para construir este santuário e tu vens dizer-nos que o podes levantar em três dias?» ²¹Mas o santuário de que Jesus falava era o seu próprio corpo. ²²Por isso, quando ele ressuscitou dos mortos, os seus discípulos lembraram-se do que tinha dito e acreditaram na Sagrada Escritura e nas suas palavras.

1. O episódio do Evangelho de hoje é referido nos quatro evangelhos, o que lhe dá autenticidade, embora com diferenças. Os sinóticos situam-no perto do final da vida de Jesus, no seguimento da Sua entrada messiânica em Jerusalém (S. Mateus 21, 12-13; S. Marcos 11, 15-17; S. Lucas 19, 45-46). João, por seu lado, descreve o episódio no princípio da 'vida pública' de Jesus e fá-lo com espectacularidade, sendo o único a referir que Jesus *fez um chicote com umas cordas*. Essas diferenças narrativas não são despidiendas.

É grande a possibilidade de que o episódio tenha ocorrido realmente no final da vida de Jesus. Enquadra-se perfeitamente no Seu ministério em Jerusalém e resume o quanto a vida de Jesus foi o ato por excelência da proclamação do primado de Deus na existência humana. Também, nos mostra como desde a sua adolescência, Jesus se apresentou como um verdadeiro cumpridor da Lei e dos costumes religiosos judaicos e manifestou um particular respeito pelo Templo de Jerusalém.

Precisamente por essa razão, João coloca o episódio no início do seu evangelho. O que interessa ao autor do 4º evangelho é, antes de tudo, manifestar o sentido de uma história, que é tão divina como humana, apresentando o grande acontecimento espiritual da dádiva de Jesus Cristo ao mundo para sua salvação. Então, seleciona os factos que a seu ver expressam um valor simbólico com novas ressonâncias e narra-os nessa perspectiva, secundarizando a sua historicidade. A nós cabe-nos estar atentos a estes pormenores a fim de não sermos confundidos por quem usa e abusa de algumas 'incongruências' históricas para afirmar a sua oposição ao cristianismo.

2. A atitude de Jesus no Templo é muito estranha, bem diferente da imagem que temos dEle: manso, suave, bondoso, sempre pronto a ouvir e a ajudar. Aqui, colérico, impositivo, sem diálogo. O que é que está em causa? Antes de mais, convém ter presente que o comércio de bois, ovelhas e pombos e a atividade dos cambistas na compra e venda de moeda era necessária porque facilitava a vida dos que vinham de longe ao Templo para apresentar as ofertas no cumprimento das suas obrigações religiosas. Por outro lado, essa atividade comercial era praticada fora do recinto sagrado, portanto, não podia ser considerada lesiva da santidade do Templo. Então, porquê aquela ‘explosão’ de Jesus?

Este episódio, não há dúvida, ocorreu quando, em Jerusalém, Jesus vive já a angústia da proximidade da Paixão. Ao entrar no Templo e deparar com aquele mercado a fervilhar de negócio a propósito da atividade religiosa, Jesus ‘revolta-se’ pelo uso interesseiro da honra devida a Deus. Centrados na atividade prática e lucrativa, menorizavam a razão primeira do Templo, a honra de Deus e a glória do Pai. E, num gesto profético, na tradição dos Profetas de Israel, numa atitude simbólica que fizesse eco no coração dos que ali estavam, *«expulsou do templo toda aquela gente com as ovelhas e os bois. Deitou por terra o dinheiro dos cambistas e virou-lhes as mesas. Depois disse aos que vendiam pombas: «Tirem tudo isto daqui! Não façam da casa de meu Pai uma casa de negócio!»* Não foi uma manifestação de poder ou de violência, mas tão só um modo de chamar a atenção das autoridades religiosas para o desvio do seu comportamento em relação a Deus. Ora, esta é uma das nossas maiores tentações: olhar a vida numa mera perspetiva prática, desprovida de reflexão e profundidade, diminuindo, assim, a nossa capacidade de atenção ao que nela é a substância e princípio. E isso acontece até na caminhada religiosa, tanto em termos individuais como nas comunidades eclesiais.

3. Os chefes dos judeus perceberam a mensagem e reagiram perguntando *«Que sinal nos mostras para poderes fazer isto?»* Puseram de lado o significado profundo da mensagem para se aterem à espetacularidade do ato. *“Mostra-nos a tua autoridade (que sinal) para fazeres isto!”* – quiseram saber. E Jesus responde: *«Destruam este santuário e eu em três dias o hei-de levantar.»* E retorquiram-lhe: *«Foram precisos quarenta e seis anos para construir este santuário e tu vens dizer-nos que o podes levantar em três dias? Mas o santuário de que Jesus falava era o seu próprio corpo.»* Isto é, para Jesus o templo é o ser humano e isso era o que pensava a igreja primitiva: cada cristã(o) é o templo de Deus (ver I Coríntios 3, 17; 6, 19; II Coríntios 6, 16) e uma pedra viva do santuário que Deus quer (Atos 17, 24- 28).

Portanto, no Evangelho de hoje, Jesus interpela-nos chamando a atenção para o cuidado permanente que devemos ter com o modo como praticamos a nossa religiosidade. Se somos “templo de Deus” é necessário que a nossa adoração a Deus seja purificada, desprovida de tudo o que permita o ‘comércio’ nos comportamentos que podem estar ao serviço de uma religiosidade balofa e impositiva. *«Não façam da casa de meu Pai uma casa de negócio!»*, não nos deixemos conspurcar com atitudes que nos desviam da centralidade de Deus em nossas vidas. Antes, aceitemos ser “templo do Espírito Santo” e relacionemo-nos com Deus e com os nossos irmãos em sinceridade e gratuidade de coração, como fez Jesus. É que a religião só vale se alterar a mentalidade de quem a pratica no sentido da sintonia com Jesus. Eis um tema para reflexão neste tempo da Quaresma.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana